

Moradores de Samambaia querem polícia nas ruas

Luiz Gustavo Rabelo

Correio

O comerciante Edson Feliciano, 38 anos, passava o troco para um de seus clientes na padaria *União*, no conjunto 1 da quadra 312, em Samambaia. Eram quase 20h da última quarta-feira e ele já havia começado a se preparar para fechar a panificadora.

Enquanto devolvia o troco, notou a entrada de quatro rapazes. Sem dizer nada, um deles sacou um revólver e deu um tiro numa das prateleiras.

Em seguida, anunciou o assalto. Os bandidos mandaram que todos ficassem abaixados, enquanto roubavam R\$ 100 do caixa. Uma das clientes, uma mulher idosa com problemas mentais conhecida como Maria, desesperada, começou a gritar.

Os bandidos pediram que ela parasasse com os gritos, mas diante de sua negativa, acabou agredida com pontapés. Antes de deixar a padaria, os assaltantes ainda deram tiros para o alto.

TERCEIRO ASSALTO

Segundo Edson, o assalto foi o terceiro em menos de dez dias em seu estabelecimento. O roubo foi apenas o início do *arrastão* promovido pelos bandidos. Ao saírem da panificadora, os quatro foram até a casa do motorista Joaquim Martins Filho, 45 anos, no conjunto 7 da quadra 312, de onde roubaram um aparelho de som.

Não satisfeitos, seguiram para o bar *Vida Nova*, na quadra 314. Ali, o

pior ainda aconteceria. Na tentativa de assaltar o bar, os quatro acabaram matando com um tiro o agente de trânsito Nilo Joaquim Victor Filho, 35 anos, e ferindo outras duas pessoas.

Depois, os assaltantes — Cristiano Eduardo Rodrigues, 18 anos, Marcelo Ferreira de Souza, 20, e os menores C.R.S., 17, e H.A.S.M., 16, — foram presos por policiais militares.

A história do *arrastão* nas quadras 312 e 314 integra o drama da falta de segurança em Samambaia.

Com uma população estimada em 144 mil habitantes, Samambaia se tornou uma espécie de terra sem lei, palco de um verdadeiro *faroeste candango*. Só neste ano mais de 70 pessoas foram assassinadas ali, segundo dados da polícia.

A população acusa o poder público de omissão diante violência crescente. O governo alega que os índices de violência baixaram e que tem dado prioridade à segurança pública.

PROTESTO NAS RUAS

Em decorrência do quadro atual, ontem, duzentas pessoas, entre moradores, líderes comunitários e o deputado distrital Adão Xavier (sem partido) foram até a sede da administração regional protestar contra a falta de segurança. "É uma manifestação pacífica. Nós não queremos confusão, queremos apenas segurança", disse Francisco Piauí, presidente do Sindicato dos Inquilinos do DF.

Entre as principais reivindicações

dos moradores figuram o aumento do número de policiais militares para Samambaia e a realização de operações de desarmamento nas ruas e bares.

"No Plano Piloto toda esquina tem policiais. Porque as cidades não recebem o mesmo tratamento?", perguntava Francisco.

Os moradores fizeram o *enterro* simbólico da segurança. Eles tentaram cavar uma cova no jardim da administração para enterrar um caixão, mas foram impedidos por um grupo de policiais militares e por funcionários da administração.

O administração regional nega que a violência tenha aumentado na cidade. "Samambaia não é a maravilha que nós idealizamos, mas se olharmos para o passado vamos ver que houve progresso", garante o chefe de gabinete da administração, Luiz Roberto Vieira.

Ele lembra que, no início de 1994, a polícia contava apenas com dois carros para fazer o patrulhamento das ruas e avenidas. "Agora são entre dez e 12, além de quatro motos", observa.

Luiz sustenta, ainda, que foi incluído no plano de investimentos para 1997 o pedido de R\$ 115 mil para compra de duas Veraneios e 41 cavalos para a Polícia Militar.

"O número de policiais militares, que hoje é de cerca de 320, vai dobrar. Eles estão fazendo um curso de formação e vão assumir em janeiro do ano que vem", finaliza.